

RESENHAS CRÍTICAS

MARTINET, A. *Entretiens avec Georges Kassai et avec la collaboration de Jeanne Martinet*. Paris, Quai Voltaire, 1993.

Com 91 anos, lingüísta francês internacionalmente conhecido, faleceu dia 16 de julho de 1999 André Martinet. A justificar a internacionalização do seu nome enumeram-se essencialmente três motivos, mas muitos mais se poderiam referir. Como primeiro motivo, salientam-se as suas investigações no campo da fonologia, no seguimento das propostas da Escola de Praga, nomeadamente de N.S. Troubetzkoy. Como segundo motivo, aponta-se o fato de ser um precursor, isto é, o criador de uma das mais divulgadas teorias lingüísticas contemporâneas – o funcionalismo. O terceiro motivo, mas não o menos importante, prende-se com o critério, incontestável, da dupla articulação para definir e identificar uma, ou melhor, qualquer “língua”. Poder-se-ia prosseguir com esta enumeração, todavia, as razões apontadas justificam amplamente o seu renome mundial. Há, porém, entre os vários que ficam por apontar, um que não se pode deixar de referir: é o da sua produção literária. André Martinet deixou atrás de si uma extensa obra dedicada exclusivamente às línguas, à lingüística. Um de seus derradeiros trabalhos – o cerne destas linhas – é constituído por uma série de entrevistas que representam as suas memórias, designação esta que, aliás, integra o título da obra aqui em destaque.

A leitura das trezentas e oitenta e quatro páginas de entrevistas intituladas *Mémoires d'un linguiste. Vivre les langues. Entretiens avec Georges Kassai et avec la collaboration de Jeanne Martinet*, que se repartem por um prólogo, vinte capítulos, três anexos, um glossário e um índice, torna-se preciosa, e proveitosa, para a reflexão dos estudiosos da lingüística e a sua história recente. Sê-lo-á, particularmente, para os interessados na lingüística do século XX, já que são raríssimos os lingüístas que, como André Martinet, nasceram com o século e permaneceram vivos, na década de 90 e final de milênio. André Martinet foi testemunha e ator de uma época crucial para a lingüística que, no dizer de Georges Mounin, é «um saber muito antigo e (...) uma ciência muito jovem»¹. Tenha-se em conta que André Martinet sempre considerou a lingüística como

¹ Georges Mounin – *Introdução à Lingüística*, Livros Horizonte, Lisboa, 1997, p.25.

uma ciência², com objeto, objetivos, metodologia e terminologia próprios, distintos dos outros ramos do saber humano.

Como se pode atestar pela leitura integral deste livro, baseado na entrevista, mas que se identifica com as memórias, o que coloca um problema de classificação, a escolha dos títulos foi extremamente pertinente porque eles dão uma primeira e real panorâmica do conteúdo. Os títulos condensam na íntegra e perfeitamente a obra. Pode-se acompanhar, como se depreende pelos títulos (*Mémoires d'un linguiste*) e subtítulos (*Vivre les langues. Entretien avec Georges Kassai et avec la collaboration de Jeanne Martinet*), as recordações de André Martinet, desde a infância à idade adulta, dos momentos considerados marcantes para a sua atividade lingüística. Múltiplas são as páginas onde se constata que a vida privada se modelou à profissional. Fundem-se os domínios privado e público, dificultando sistematicamente a definição de fronteiras entre ambos. Comprova-se, assim, o que sugere o primeiro subtítulo (*Vivre les langues*): André Martinet viveu com e para as línguas. Não é comum a expressão. É costume dizer-se que se falam as línguas, mas nunca que se “vivem”; porém, foi o que sucedeu a André Martinet, como se poderá verificar.

Esta obra de cariz biográfico, publicada em 1993, resulta, como efetivamente se pode confirmar pelo segundo subtítulo (*Entretien avec Georges Kassai et avec la collaboration de Jeanne Martinet*) e já se disse, de uma série de entrevistas onde a breves questões – umas mais pertinentes que outras – correspondem respostas de extensão variada, com predomínio das mais alongadas porque se constata que André Martinet fala aberta e naturalmente, em tom de conversa amena, e muito tem para comunicar. Dando espaço ao entrevistado, o entrevistador torna-se pouco visível. Poderia, efectivamente, ser um pouco mais interventivo, mas optou evidentemente por dar visibilidade ao entrevistado – afinal recolher memórias pressupõe ouvir atentamente e não cortar muito o fio do pensamento de quem fala. Georges Kassai é, porém, tão discreto e conciliador que não compete com André Martinet, nem problematiza as afirmações do entrevistado, o que poderia ajudar a esclarecer alguns pormenores que ficam completamente esquecidos. É como se as questões colocadas servissem de fio condutor, de guião, para única e exclusivamente conduzir o discurso de André Martinet. A este propósito refere-se, aliás, que a autoria da obra é atribuída a André Martinet, cujo nome se destaca em letras garrafais na capa, onde o do entrevistador surge no subtítulo e em tipo menor.

² André Martinet, *Mémoires d'un linguiste*, p. 287: “Je ne sais pas combien de linguistes sont prêts à me suivre lorsque j'affirme que la linguistique est une science dans la mesure où elle définit ses termes.”

Se, a nível de títulos, nada há a apontar, a nível de autoria, como se acabou de ver, e de classificação, como já se viu, o mesmo não se poderá dizer. Esta obra apresenta, portanto, dois aspectos problemáticos, embora sejam de somenos importância. Assim, um deles relaciona-se com a autoria – uma obra de André Martinet ou de Georges Kassai? – e o outro com o gênero – entrevista ou memórias? Quanto ao gênero, trata-se de saber como classificá-lo: entrevistas, a forma que assume, ou memórias, o conteúdo expresso pelas respostas do entrevistado? Quanto ao problema de autoria, está diretamente relacionado com as figuras do entrevistador e do entrevistado. Analisando o corpo do texto, chega-se a algumas conclusões.

Trata-se de uma obra organizada, até certo ponto (essencialmente até ao capítulo VIII) de acordo com critérios cronológicos. Há a preocupação de começar pelo início, a infância, aspecto que poderá parecer sem interesse. Para quem estuda lingüística, é sempre interessante ler, a par das obras de referência dos lingüistas que fizeram escola, as suas biografias, autobiografias, memórias ou qualquer outro gênero de texto que gira em torno do autor. Este tipo de leitura permite clarificar alguns pontos essenciais das teorias e perspectivas pessoais, contextualizando-as, o que permite assimilá-las melhor. É o que sucede com esta obra: André Martinet contou a Georges Kassai fatos da sua existência e da sua atividade profissional, revelando a sua visão de alguns acontecimentos coletivos, por exemplo Maio de 68, e retratando pessoas com quem se cruzou ou conviveu mais de perto. A leitura, acessível ao universitário que empreende estudos lingüísticos ou outros potenciais interessados pelas línguas em geral, permite entrar melhor nos meandros da lingüística moderna. É dado a conhecer o ponto de vista de uma testemunha direta e um dos principais formadores da concepção da lingüística como ciência.

O leitor que procurar apenas dados biográficos ou episódios anedóticos verá as suas expectativas frustradas, porque as *Memórias* são mais do que uma biografia, mas poderá aceder à biografia de Martinet no final da obra, onde se encontra uma – concisa, mas precisa – da autoria de quem o conheceu de mais perto, Jeanne Martinet, e ainda o *curriculum vitae* que figura em anexo. Quem procurar nas *Memórias* informações práticas, por exemplo de carácter bibliográfico, poderá, também no fim da obra, consultar uma bibliografia organizada por datas – inspirada na concebida e publicada por Henriette e Gérard Walter³ – e um glossário sempre útil para esclarecer e precisar certas noções lingüísticas. Quem procurar conhecer o lingüista e o homem deverá ler o corpo da obra, onde são relatados episódios e impressões, nunca tomados como verdades

³ *Bibliographie d'André Martinet et comptes rendus de ses œuvres*, Louvain – Paris, Peeters, 1988.

absolutas, mas entendidos como o ponto de vista pessoal de André Martinet, o do entrevistado. Realizadas no decorrer dos anos de 1982-83, cerca de dez anos medeiam a concepção destas entrevistas e a respectiva publicação. No entanto, no *curriculum vitae* (p. 365), surge uma referência ao ano de 1992, aquando da atribuição do doutoramento *honoris causa* pela Universidade de Bilbao-Vitoria, no País Basco, o que demonstra uma preocupação de atualização até ao momento da publicação ocorrida em 1993.

Dos vinte capítulos que integram o corpo da obra, o VIII constitui, porventura, o ponto central do livro, visto referir a expansão geográfica do funcionalismo em muitos lugares do mundo. É igualmente o mais central pelo pendor informativo que possui. Este capítulo destaca-se também pela própria estrutura, que é algo diversa da dos restantes. A organizá-lo encontram-se vários países, desde os Estados Unidos (n.º 1) à Albânia (n.º 24), passando pelos mais diversos pontos do globo terrestre onde, após a deslocação de André Martinet, o funcionalismo acabaria ou não por se desenvolver. Afinal, a este capítulo poderia ser anexado um mapa onde se veriam assinaladas as zonas de expansão da doutrina. Nestas deslocações de André Martinet, figura também Portugal (n.º 9), após o qual surge a América do Sul, onde está representado o Brasil com uma breve referência ao Rio de Janeiro e a Celso Cunha. Fica claro que André Martinet, com discípulos dispersos pelo mundo inteiro, tem neles naturais representantes, e amigos, que com ele compartilham idéias e alimentam o debate no seio do funcionalismo. A representá-lo em Portugal, André Martinet indica Jorge Morais Barbosa, cujo percurso académico-profissional é brevemente referido.

Tais viagens internacionais, empreendidas por André Martinet para falar do funcionalismo aos auditórios que foi conhecendo, marca o ponto fulcral da obra que se pode analisar como bipolar: com uma primeira parte de 126 páginas – capítulos I a VII – e uma segunda parte de 140 páginas – capítulos IX a XX. O número, não muito díspar, de páginas e de capítulos comprova o equilíbrio que parece haver entre estes dois pólos.

Na primeira parte, predomina a vertente pessoal, justificada parcialmente pelos títulos dos capítulos que fazem, na maioria, referência a anos civis – de 1908 a 1968. Os temas nela abordados prendem-se globalmente com a infância, a família, os estudos, os casamentos, as filhas, a guerra, os primeiros trabalhos de lingüística e a criação de uma teoria. A imagem que se destaca, no final, é a do mestre e dos discípulos, com a alusão à *Société internationale de linguistique fonctionnelle* (SILF).

Emerge, assim, dos primeiros capítulos o retrato de uma criança isolada e introvertida, desde a mais tenra idade dada a reflexões lingüísticas, pela

convivência com diferentes formas de falar visto os pais serem professores primários, em permanente mobilidade, na zona da *Savoie*. A forma de falar da família, dos companheiros de escola e das populações eram distintas, o que suscitou em André Martinet uma atenção particular à linguagem, posteriormente desenvolvida aquando da sua transferência para Paris, onde passaria a residir. Aí, é novamente o confronto linguístico que o leva a isolar-se e a refletir sobre problemas linguísticos motivados pela sua própria experiência de falante. Ulteriormente, esta diversidade linguística será enriquecida com a aprendizagem do alemão, após uma breve viagem à Alemanha, pelos estudos de inglês que empreende e pela aprendizagem do dinamarquês, a língua da sua primeira esposa. Podemos dizer que são as próprias circunstâncias da vida que levam André Martinet a debruçar-se sobre as questões de fundo das línguas e da linguagem. É realmente caso para reafirmar que ele “viveu as línguas”. Entre os diversos falares de *Savoie*, as variedades do francês, o alemão, o dinamarquês, o inglês escolar e o inglês americano, André Martinet vive as línguas, não considerando, como ele próprio refere, nenhuma feia⁴.

Daquelas reflexões infantis, amadurecidas pelos anos fora, empreendidas com convicção e por gosto, desponta a criação de uma perspectiva pessoal sobre o fenómeno linguístico. O funcionalismo nasce da sua forma pessoal de encarar a vida diária, e a criação da associação de linguistas funcionalistas (SILF) dela decorre naturalmente. Tem-se a sensação que André Martinet viveu os acontecimentos, que se lhe foram apresentando, discreto, mas ativo, manifestando o seu pensamento e os seus próprios pontos de vista, coerente com as suas próprias idéias. A coerência é, aliás, um dos traços do seu carácter que com mais força se destaca de todo o livro. Embora ciente de que as suas palavras não agradariam a muitos, diz o que pensa, escreve o que pensa. Portanto, nesta primeira parte, descobre-se a criança que se acompanha até à idade adulta, com as suas vivências sempre relacionadas com as línguas.

É essencialmente nesta parte, embora na segunda também se registem algumas informações, que se visionam os retratos de diversos linguistas com os quais manteve relações pessoais cordiais ou não manteve nenhum tipo de relação, devido ou a divergências linguísticas demasiado acentuadas ou a problemas de natureza mais pessoal. Roman Jakobson é certamente o linguista mais citado por André Martinet (cf. sobretudo cap. V), isto porque privou com ele antes e depois da Segunda Guerra Mundial. O relacionamento entre ambos

⁴ André Martinet, *Mémoires d'un linguiste*, pp. 321 e 322: “des prononciations rurales, des tournures populaires me paraissent comiques ou, si je ne les connais pas, bizarres, mais jamais laides. En tant que linguiste, telle langue dont le consonantisme peut sembler, au Français moyen, rocailleux ou «guttural», l'arabe, par exemple, m'apparaît si digne d'intérêt qu'elle ne saurait susciter en moi quelque recul que ce soit.”

não foi sempre constante, sendo modulado ao ritmo de vários desentendimentos lingüísticos. Há, no entanto, referências a muitos outros lingüistas. É possível referir, por exemplo, e ao acaso, Meillet, Jespersen, Hjelmslev, Benveniste, Uldall, Weinrich, Dubois, Pottier, Gustave Guillaume, Haudricourt, Mounin. André Martinet teve o privilégio de ter conhecido pessoalmente muitos e de manter com alguns contactos profissionais e amigáveis, especialmente com Hjelmslev e Mounin.

As relações com Jakobson, Weinrich, Benveniste e outros lingüistas de origem judaica, assim como a sua libertação do campo de prisioneiros durante a Segunda Guerra Mundial, levaram alguns críticos a acusar André Martinet de anti-semita ou de colaborador com o regime nazi (cf. p.124 e ss.). Nada parece mais descabido, visto André Martinet apresentar os fatos e neles não se encontrar qualquer vestígio de racismo, até pelos seus posicionamentos políticos e ideológicos (cap. XVI). Não se regista nenhum tipo de incoerência no seu discurso e é ele próprio quem aborda a questão, o que é muito significativo.

O perfil que se desenha nestas memórias é o de um homem coerente, o de um lingüista enérgico, o de um pensador que, preocupado com os fatos, se julgaria materialista, o de um escritor incansável, o de um conferencista internacional e o de um adversário de idéias (e não tanto de pessoas, embora pelas suas palavras se lhe conheçam alguns inimigos) contrárias às suas no domínio da lingüística, porque não tem outra filiação a não ser a da linguagem. É na liberdade de pensamento que se afirma. Embora recorra com frequência ao uso de “nous” para falar em nome próprio e no da esposa, que se encontrou, assim parece pelos relatos, permanentemente a seu lado na vida (a sua intervenção surge igualmente na obra, como já referido, na organização da biografia e num capítulo – cf. cap. V), predomina o uso de “je”, fazendo afirmações claras e problemáticas, não ficando nas meias-palavras ou nas suposições.

Seguidamente ao capítulo VIII, surge a segunda parte, que se considera a mais interessante e também a mais orientada para os conteúdos lingüísticos. Dela se destaca essencialmente o pensamento do lingüista: as pesquisas, as obras e as idéias.

Certas idéias constantes que se passa a apresentar perpassam ao longo destes capítulos, nomeadamente o seu posicionamento adverso ao distribucionalismo e ao generativismo. Nada de pessoal opõe André Martinet a Bloomfield ou a Chomsky. É tudo uma questão de teoria e de perspectiva. Poder-se-ia pensar que se opõe a ambas as teorias pelo fato de, sendo europeu, não poder aceitar perspectivas de origem americana, mas tal não é o caso, visto André Martinet haver morado e ensinado nos Estados Unidos durante dez anos e conhecer de perto estas duas teorias. É tudo, como já se afirmou, uma questão

de princípios, de idéias. Corre o risco de manifestar no país de acolhimento o seu desacordo com as correntes lingüísticas americanas vigentes, mas fá-lo, o que sublinha a coerência e o desassombro de que se falava.

Em contrapartida, a sua oposição à perspectiva binária de Jakobson leva algum tempo a manifestar-se, porque, como ele próprio revela, havia algum respeito humano e uma amizade inicial que o impedia de exteriorizar o seu ponto de vista, o que, porém, acabou por fazer.

Outras idéias dizem respeito ao estruturalismo. André Martinet não concebe a identificação das estruturas como um fim em si mesmo, desenraizado de tudo o resto, nomeadamente do real funcionamento das línguas e da sua permanente dinâmica. Para ele, a dupla articulação é sinal de isso mesmo e a sincronia dinâmica também.

Entretanto, e sempre a nível da ideologia, sublinha que não é adverso ao universalismo, mas à idéia de universalismo estabelecida *a priori*, e o mesmo sucede com o inatismo: o que ele pretende são os fatos para comprovar as hipóteses que se vão colocando. Destaca-se, desta parte, a idéia que tem da lingüística como ciência e, sobretudo, o fato de ser contrário ao estudo da linguagem com outro objetivo que não seja o de conhecer melhor a linguagem e as línguas, em si e por si mesma(s).

O estudo sociolingüístico vem recorrentemente referido, assim como o trabalho de Labov, perante o qual André Martinet se posiciona e precisa a sua metodologia de investigação. André Martinet reconhece-se como um lingüista que realizou estudos sociolingüísticos, que, por não ostentarem essa designação, não foram reconhecidos como tais. O realismo, manifestado no desejo de estudar os fatos lingüísticos conforme se apresentam, sem quaisquer manipulações, leva-o a explicitar algumas crenças, especialmente no determinismo. As suas reflexões permitem-lhe discorrer sobre a relação entre natureza e cultura, ciências exatas e ciências humanas. Cita Barthes e Levi-Strauss, revelando um leque variado de leituras de outras áreas, além da lingüística.

É igualmente nesta parte que aborda a ligação do funcionalismo com a política. Posiciona-se à esquerda, mas sem compromissos com qualquer partido, embora o tenham tentado ligar ao Partido Comunista, filiação que ele recusou tanto como qualquer outra. Não rejeita, porém, posicionar-se politicamente. Representa a figura tipo de um independente comprometido consigo próprio e com a sociedade.

Esta segunda parte torna-se mais aliciante que a primeira, porque menos conhecida, e permite ao leitor ter acesso direto ao pensamento de André Martinet, do qual se acabou de fazer um breve apanhado.

Em síntese, a entrevista foi o método adotado para fixar *ad aeternum* a vida e o pensamento de André Martinet. Se o primeiro bloco de capítulos interessa, pelos fatos biográficos relatados, para a compreensão da pessoa porque apontam essencialmente para a vida, o segundo, porque refere o pensamento, interessará particularmente pelas idéias reveladas e para compreender o linguísta.

Assim, por tudo quanto foi dito, e perante os dois tipos de problemas colocados – o do gênero e o da autoria – esta obra pode classificar-se como pertencendo a um gênero híbrido, entre a entrevista e as memórias, e pode dizer-se que a autoria é conjuntamente de Georges Kassai e André Martinet, com maior peso deste último, que, como ele próprio afirma no prólogo, reviu e corrigiu o texto. Portanto, a conclusão geral a tirar é que as entrevistas propostas por Georges Kassai funcionam como recolha das memórias da vida e do pensamento de André Martinet, linguísta incontornável para quem quiser aprofundar conhecimentos na área da lingüística contemporânea, neste início de século XXI.

Helena Rebelo

*

MARUYAMA, T. (Org.). *A Grammatica da Lingoagem Portuguesa e os Índices Maruyama da ortografia lusitana quinhentista*. Nanzan, Universidade de Nanzan, 2003.

1. Alvissaras na lusofonia

Ótima notícia para os estudiosos da diacronia da língua portuguesa: a Universidade de Nanzan (Japão) acaba de fazer uma primeira tiragem, ainda experimental e policopiada, fora do mercado, particularmente destinada a especialistas na área da lusofonia diacrônica, da edição diplomática da *Grammatica da Lingoagem Portuguesa* (1536), de Fernão de Oliveira, seguida de um útil *Keyword-in-context Index* (Índice das palavras-chave contextualizadas), para consulta rápida dos interessados, ambos preparados meticulosamente pelo professor Toru Maruyama, do Departamento de Estudos Japoneses da Universidade de Nanzan. A *Grammatica* ocupa 61 páginas do volume, e o Índice 508 p., de dimensão 29,5cm x 21cm, texto digitado em espaço duplo.

No prefácio em inglês, seu organizador relata os passos que teve de dar para a execução da obra, referindo-se carinhosamente às bibliotecas portuguesas onde desenvolveu a pesquisa, além da de Nanzan, quartel-general de suas atividades. Refere-se também às três edições daquela *Grammatica* inaugural de Oliveira em que se apoiou a sua; bem como às